



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC

**INDÚSTRIA CULTURAL: A INFLUÊNCIA DA CULTURA DE MASSA NAS
MÚSICAS OUVIDAS PELOS JOVENS DO ASSENTAMENTO VIRGILÂNDIA
MUNICÍPIO DE FORMOSA-GO**

GIDEÃO GOMES PEREIRA

Planaltina – DF

2013

GIDEÃO GOMES PEREIRA

**INDÚSTRIA CULTURAL: A INFLUÊNCIA DA CULTURA DE MASSA NAS
MÚSICAS OUVIDAS PELOS JOVENS DO ASSENTAMENTO VIRGILÂNDIA
MUNICÍPIO DE FORMOSA-GO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, com Habilitação na área de Linguagens.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa (UnB/FUP)

Planaltina – DF

2013

GIDEÃO GOMES PEREIRA

**INDÚSTRIA CULTURAL: A INFLUÊNCIA DA CULTURA DE MASSA NAS
MÚSICAS OUVIDAS PELOS JOVENS DO ASSENTAMENTO VIRGILÂNDIA
MUNICÍPIO DE FORMOSA-GO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, com Habilitação na área de Linguagens.

Aprovado em ____/____/2013

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa (UnB/FUP) – Orientadora
Presidente

Prof^ª. Dr^ª. Mônica Castanga Molina (UnB/FUP) – Membro interno

Prof^º. Dr^º. Rafael Litvin Villas Boas (UnB/FUP) – Membro interno

Planaltina – DF

2013

A Deus por tudo que me proporciona na vida.

À minha mãe e meu pai, os quais amo muito, pelo exemplo de vida e família.

A minha professora Orientadora Rosineide Magalhaes, pela paciência e o carinho em me orientar.

A meus irmãos por tudo que me ajudaram até hoje.

À minha esposa Márcia, pelo carinho, compreensão e companheirismo.

E aos meus “filhos” Jhennifer Kéren, e o Gabriel Kawan, pela alegria e diversão.

Agradecimento

Ao Deus criador, de todo universo, por ter me proporcionado sabedoria para aprender a ler e interpretar o mundo e ao meu próximo.

A minha orientadora Professora Rosineide Magalhães, pelo auxílio e pela paciência em todas as etapas da pesquisa.

A todos os professores que passaram pela turma Andréia Pereira dos Santos pela contribuição em nossa formação.

Aos professores da banca examinadora: Mônica Molina e Rafael Villas Boas.

Aos meus familiares, pelo apoio e carinho, em especial a minha mãe dona Eva Gomes, e ao meu pai Antônio Pereira, por ajudar em todos os momentos ao longo do curso.

A minha esposa e companheira que amo, Marcia, aos meus filhos: a Jhennifer Kéren, e o Gabriel Kawuan.

A todos os amigos e amigas pela leitura crítica que ajudou na conclusão desta monografia destacando alguns: Elza, Jaci, Moisés, Victor, Simone, Rosileide e Priscila.

À escola colégio estadual assentamento Virgilândia e, também, à escola municipal Santo Antônio das Palmeiras pelo apoio durante os estágios desse curso. Agradeço também à equipe diretiva dessas escolas e seus quadros de educadores, pela troca de experiência que somaram no meu aprendizado.

A todas as famílias dos assentamentos Virgilândia, pelo carinho e amizade que tenho com todos.

A todos os meus irmãos de igreja, pelo incentivo e pelas orações realizadas em prol de mim, ao longo do curso, para eu vencer as dificuldades enfrentadas.

Agradeço a CAPES, pela Bolsa PIBID Diversidade que auxilia com recurso financeiro e política pública em prol da formação iniciante do educador do campo.

“A música oferece à alma uma verdadeira cultura íntima e deve fazer parte da educação do povo”.

(François Guizot)

“A música pode ser o exemplo único do que poderia ter sido se não tivesse havido a invenção da linguagem, a formação das palavras, a análise das ideias a comunicação das almas”.

(Marcel Proust)

"A música expressa o que não pode ser dito em palavras, mas não pode permanecer em silêncio."

(Victor Hugo)

Lista de abreviatura

ADC: Análise de Discurso Crítica

EDOC: Educação do Campo

FUP: Faculdade de Planaltina

INCRA: Instituto Nacional de Colorização e Reforma Agrária

IOC: Inserção Orientada na Comunidade

IOE: Inserção Orientada na Escola

LEDOC: Licenciatura em Educação do Campo

PA: Projeto de Assentamento

PDA: Plano de Desenvolvimento do Assentamento

PRA: Plano de Recuperação do Assentamento

PPP: Projeto Político Pedagógico

SR: Sertaneja de Raiz

SU: Sertanejo Universitário

TC: Tempo Comunidade

TE: Tempo Escola

UNB: universidade de Brasília

PRONERA: Programa Nacional de Educação e Reforma Agrária

RESUMO

Esta pesquisa é realizada sobre os princípios qualitativos que nos permitem usar vários métodos para obter um levantamento de dados. Para este trabalho, foi realizada uma entrevista estruturada com alguns estudantes de diferentes idades entre 10 a 25 anos do Assentamento Virgilândia, localizado no município de Formosa, GO. O objetivo desta entrevista foi descobrir quais tipos de músicas circulam entre os jovens de Virgilândia e investigar se os mesmos conhecem a música sertaneja de raiz, analisar o discurso que as letras das músicas da indústria cultural exercem sobre a cultura, e verificar quais tipos de músicas a escola da comunidade trabalha. Esta análise evidencia conflito presente na sociedade imposto pela indústria cultural, que tem controlado as mentes das pessoas como outra forma fundamental de reproduzir a dominação da hegemonia, através das variações de músicas e a influência da mídia em geral. Para este estudo analítico, dos conceitos abordados, estaremos utilizando uma base teórica da pesquisa que irá conter análise do discurso, sociolinguística, cultura, violência do imaginário, indústria cultural, e educação do campo. O trabalho traz como contribuição, ainda, sugestão de projeto sobre a música a ser desenvolvido na escola do campo.

Palavras-Chave: Discurso. Gênero musical. Indústria cultural. Virgilândia. Ideologia.

ABSTRACT

This research is performed on the qualitative principles that allow us to use various methods to get a data survey. For this work, a structured interview was conducted with students of different ages between 10 to 25 years Virgilândia Settlement, located in the municipality of Formosa, Goiás. The purpose of this interview was to discover which types of songs circulating among young Virgilândia and investigate if they know the root of country music, analyze the speech that the lyrics of the cultural industry have on the culture, and examine which types of songs the school community works. This analysis highlights the conflict present in society imposed by the culture industry, which has controlled the minds of people as another way of reproducing the fundamental rule of hegemony through the variations of music and influence of media in general. For this analytical study, the concepts addressed, we will be using a theoretical basis for the research that will contain discourse analysis, sociolinguistics, culture, imaginary violence, cultural industry, and field education. The work brings a contribution also suggested project about music being developed in the school field.

Keywords: Discourse. Musical genre. Cultural industry. Virgilândia. Ideology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I- 1METODOLOGIA DE PESQUISA.....	13
1.1. Método Qualitativo.....	13
1.2. Contexto da Pesquisa.....	15
1.2.1. História do Assentamento Virgilândia.....	15
1.2.2. Pessoas Pesquisadas.....	17
1.2.3. Instrumentos Utilizados na Pesquisa.....	18
1.2.4. Objetivo Geral.....	18
1.2.5. Objetivos Específicos.....	19
1.2.6. Perguntas Exploratórias.....	19
CAPÍTULO II- 2 EDUCAÇÃO DO CAMPO E LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	20
2.1. Educação do Campo.....	20
2.2. Licenciatura em Educação do Campo.....	22
2.3. Relato Sobre a Educação do Campo.....	23
CAPÍTULO III- 3 BASE TEÓRICA MULTIDISCIPLINAR.....	25
3.1. Aspecto da Sociolinguística.....	25
3.2. Aspecto da Análise do Discurso.....	28
3.3. A Cultura de Massa.....	31
3.4. Violência do Imaginário.....	33
CAPÍTULO IV- 4 ANÁLISE DE DADOS: A MÚSICA NO ASSENTAMENTO VIRGILÂNDIA.....	36
4.1. A Análise.....	36
4.2. Música Sertaneja.....	37
4.3. Música Sertaneja de Raiz.....	38
4.4. Música Sertaneja Universitária.....	41
4.5. Músicas Estudadas na Escola.....	43
4.6. Sentido Cultural das Músicas para os Estudantes.....	47
CONSIDERAÇÕES.....	50
REFERÊNCIAS.....	53

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda uma análise sobre que tipos de músicas a juventude do Assentamento Virgilândia está ouvindo, no seu dia a dia, e nas horas de lazer, e se a música sertaneja de raízes está sendo ouvida em alguns momentos na comunidade pelos mais jovens. Essa pesquisa converge para um conflito que encontramos presente nesse assentamento, provocado pela influência da cultura dominante, (indústria cultural), que trabalha em prol do capital, contribuindo para que as culturas minoritárias passem por reformulação, perdendo suas identidades e valores construídos ao longo da história.

A motivação para a realização desta pesquisa surgiu da percepção de verificar a perda dos valores, tais como: morais, culturais, religiosos, que a comunidade vem sofrendo ao longo dos anos, devido à hegemonia imposta pela indústria cultural. Além disso, as mudanças sofridas na comunidade, trazidas pela cultura de massa, envolvem a juventude camponesa. Diante disso, buscamos na análise do discurso suporte teórico para desenvolver um tema voltado à música e que nos ajudasse a colaborar com os jovens da comunidade de Virgilândia.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo investigar se a juventude de Virgilândia conhece a música sertaneja de raízes e se essa música está sendo ouvida pelos jovens. Tendo em vista a influência da música sertaneja universitária que vem, de certa forma, contribuindo para a perda dos valores culturais, morais e negação da identidade do sujeito do campo. Como isso, identificamos na pesquisa a relação entre a música sertaneja universitária e a sertaneja de raízes, no cenário dos jovens da Comunidade de Virgilândia.

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, em que utilizamos de entrevista estruturada na forma de questionário para coletar os dados no Assentamento de Virgilândia, com educandos e educandas, de idades e séries diferentes.

Seguindo a característica da pesquisa qualitativa, em que o pesquisador realiza a coleta de dados por vários vieses, houve também uma parte desta pesquisa que foi realizada por meio de observação durante o recreio na escola de Virgilândia. Com a finalidade de conhecermos quais os tipos de músicas os jovens estavam ouvindo e quais predominavam, ficando em evidência alguns ritmos tocados no momento, entre esses estavam: sertanejo universitário, forró, funk, eletrônica, rap, hip hop, gospel etc.

Este trabalho de monografia tem como base teórica: Bagno (2007), Sousa e Vellasco (2007), para a Sociolinguística; Creswel (2010) sobre a Pesquisa Qualitativa; Resende e Ramalho (2006), para Análise do Discurso Crítica; Maria Rita Kell (2000), Violência do Imaginário, Santos (2006), concepção do que é Cultura; Walter Benjamin (1955), Theodor Adorno (1985), para conceito da Indústria Cultural; Miguel Arroyo (2005), Mônica Molina (2006) e Roseli Caldart (2012), para Educação do Campo.

Através deste trabalho de pesquisa, com uma visão politizada dos conceitos analisados e com uma formação acadêmica adquirida ao longo dos quatro anos, pretendemos atuar dentro da comunidade de Virgilândia, como um educador que viabilize uma metodologia diferenciada voltada para o campo. Que valorize o sujeito e a sua história de vida, respeitando raça e etnia, dando ênfase nos valores culturais, morais que a comunidade precisa manter, ajudando a preservá-los para que isso não venha a se perder ao longo dos anos, devido à influência da cultura massiva presente na comunidade. Diante disso, a contribuição deste trabalho é propor ações na escola do ensino básico, do campo, sobre a música sertaneja de raízes.

Essa monografia, além da introdução, está dividida em quatro capítulos. Sendo que, no capítulo um, escrevemos sobre a Educação do Campo - EdoC e a Licenciatura em Educação do Campo LEdoC. Já no segundo capítulo, estaremos falando sobre a metodologia de pesquisa utilizada para a realização do trabalho. No terceiro capítulo, está à fundamentação teórica em que estaremos expondo conceitos pertinentes a esta pesquisa. Porém, no último capítulo, descreveremos sobre uma proposta de trabalho com os jovens do campo, falando sobre a importância de valorizar a cultura camponesa através de músicas sertanejas de raízes: o catira e outras manifestações culturais que precisam ser preservadas, de modo a não serem extintas.

CAPÍTULO I

METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, descrevemos sobre a metodologia adotada na a realização do trabalho de pesquisa, sendo que a mesma norteará todo o trabalho sobre o princípio qualitativo.

2.1 Método qualitativo

Segundo Alves-Mazzotti¹ (2001), o paradigma qualitativo apresenta modelos “alternativos” e engloba uma vasta gama de tradições, cada uma com seus pressupostos e metodologias. A pesquisa qualitativa é fundamentada em interpretação dos significados dos dados coletados, em que o pesquisador, por sua vez, utiliza de métodos múltiplos onde é valorizado o caráter interativo e humanístico.

As pesquisas qualitativas seguem uma tradição compreensiva ou interpretativa, significando que partem do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores, de modo que seu comportamento não se dá a conhecer de modo imediato, mas precisa ser desvelado (ALLEVATO, 2005). Ao longo de uma pesquisa qualitativa, podemos perceber diversos fatores que pode oferecer tanto uma mudança, como também uma refinação à medida que o pesquisador fica sabendo o que perguntar e para quem fazer as perguntas.

Uma das características da pesquisa qualitativa é o contato direto do entrevistador com o público a ser entrevistado, gerando um cenário natural onde pode ocorrer a pesquisa, tais como: em casa, escritório, etc. E esse contato leva o entrevistador a um desenvolvimento de um nível de conhecimento real sobre o local e as pessoas, gerando um grande envolvimento verdadeiro dos participantes. Mas, ao longo de uma coleta de dados, as coisas podem mudar, à medida que as portas se abrem e fecham, ficando ao cargo do pesquisador saber como e quais são os melhores lugares para identificar o fenômeno principal da pesquisa.

¹ Alves-Mazzotti,¹ (2001) é citado por: CRESWELL, W. John. Projeto de pesquisa: métodos qualitativos e quantitativos: 2007. ALLEVATO, (2005), citado por: CRESWELL, W. John. Projeto de pesquisa: métodos qualitativos e quantitativos:

A pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa. Isso significa que o pesquisador faz uma interpretação dos dados. Isso inclui o desenvolvimento da descrição de uma pessoa ou de um cenário, análise de dados para identificar temas ou categorias e, finalmente, fazer uma interpretação ou fazer considerações sobre seu significado pessoal e teoricamente, mencionando as lições aprendidas e oferecendo mais perguntas a serem feitas.

Os dados de uma pesquisa qualitativa são analisados por uma lente pessoal do pesquisador e, por causa disso, não tem como evitar as opiniões interpretativas em análise de dados qualitativos. O resultado e o porquê de uma pesquisa qualitativa ser ampla são justamente por que o pesquisador olha os fenômenos sociais por uma visão conjunta, ou seja: por sua totalidade. Porque quanto mais complexidade e interatividade na narrativa qualitativa, melhor é o estudo.

Sistematicamente o pesquisador qualitativo faz uma reflexão sobre a sua pessoa perante a investigação e com sensibilidade reflete sua biografia pessoal, e o método de como ela concilia o estudo, tornando-se inseparável o eu pessoal do eu pesquisador. Isso também representa honestidade e abertura para pesquisa, reconhecendo que toda investigação é carregada de valores (MERTENS, 2003).

O papel do pesquisador qualitativo é fundamentado em pesquisa interpretativa onde a investigação geralmente envolve uma experiência alimentada intensiva com os participantes. Isso introduz um leque de questões estratégicas, éticas e pessoais no processo de pesquisa qualitativa (LOCKE² *et alii.*, 2000). O pesquisador qualitativo trabalha com certa preocupação em mente, pois os investigadores buscam identificar explicitamente seus meios, valores interesses do sujeito pesquisador em relação aos temas no processo de pesquisa.

Na pesquisa qualitativa, existem vários procedimentos que podemos utilizar no processo de coleta de dados que são de suma importância ao pesquisador observarem, porque são eles os elementos que podemos aplicar para adquirirmos informações de um sujeito sobre uma região ao longo de uma entrevista. Os passos a serem dados na realização de uma pesquisa qualitativa são, através de observação, entrevista, questionário, material de audiovisual e documentos adquiridos.

² LOCKE *et alii.*, é citado por: CRESWELL, W. John. Projeto de pesquisa: métodos qualitativos e quantitativos: 2007.

No processo de observação, o pesquisador faz anotação de campo sobre o comportamento e as ações realizadas pelos moradores da comunidade pesquisada, já no método de entrevista, o pesquisador por sua vez conduz uma entrevista face a face com uma ou mais pessoas entrevistadas, por telefone também pode ser feita. No caso de nossa pesquisa, optamos por utilizar a entrevista e a observação para coletar os dados.

2.2 Contexto da pesquisa

2.2.1 História do assentamento Virgilândia

No ano de 1996, no mês de Outubro, iniciou-se a trajetória de luta de um grupo de camponeses acampados que lutavam por um mesmo objetivo: ter um pedaço de terra para viver, produzir e garantir a sustentabilidade da família, lugar esse que posteriormente se chamou de Assentamento Virgilândia.

O assentamento Virgilândia está localizado a 100 km da cidade de Formosa-GO, tendo seu início com cento sessenta e cinco famílias. Nos dias atuais, o assentamento é composto por duzentos e cinquenta e nove famílias. O nome da comunidade Virgilândia se originou de um nome chamado: Virgílio Alves, que segundo os moradores mais antigos da região, o nome ficou mantido em memória do fazendeiro que foi dono da fazenda Virgilândia durante muito tempo.

Em abril do ano de 1997, o INCRA realizou a desapropriação da fazenda Virgilândia, e logo após a desapropriação da área, os trabalhadores sem-terra que naquela época eram liderados pelo sindicato dos trabalhadores rurais de Formosa-GO, STTR, fizeram a ocupação provisória da terra. Nesta época, a organização do assentamento era da seguinte forma: foi criada a Associação dos Pequenos Produtores do Assentamento Virgilândia - APPAV.

As famílias foram organizadas em seis grupos nas distribuições das terras e cada grupo, também tinha seus representantes, que era subordinado a um coordenador, e um secretário para resolver problemas internos entre as famílias. Cada grupo ficou conhecido pelos nomes dos moradores que moravam antes de ser tornar o assentamento. Os grupos ganharam os seguintes nomes: Dinorá, Miguel, João Moreira, Luiz Verruga e Paraim.

No ano 2002, o instituto nacional de colorização e reforma agrária – INCRA oficializou o assentamento Virgilândia concedendo a todas as famílias o contrato de concessão de uso da terra. A economia do assentamento está voltada para as atividades agrícolas e agropecuárias. No Virgilândia, os moradores preservam as tradições culturais tais como; festas juninas, folias de Reis, festa do divino e músicas folclóricas. Na comunidade, existe a festa de São João Batista, que faz parte da cultura local e das tradições onde se tornou padroeiro escolhido pelos moradores locais.

As escolas que funcionam no assentamento Virgilândia são frutos de lutas coletivas dos trabalhadores e trabalhadoras da comunidade. No início, por volta do ano de 1997, dentro da área do assentamento não tinha ainda escola. Os pais se organizaram e foram à prefeitura da cidade de Formosa, para reivindicar uma escola na comunidade, porque ali existiam muitas crianças precisando estudar.

O máximo que o prefeito fez, foi mandar alguns materiais de construção, o resto a comunidade teria que dar conta, se quisesse escola para seus filhos. Os pais se organizaram e coletivamente foram construídas as palhoças onde serviram de sala de aula para seus filhos estudarem. Depois de alguns anos, as escolas passaram a funcionar em casas onde moravam os posseiros que haviam sido desapropriados. Quando nos referimos às escolas, estamos querendo dizer que dentro do assentamento funcionava três pequenas escolas, devido ao assentamento ser imenso. Ele fica longe das escolas. Daí, para que todos tivessem acesso à escola, foi necessário organizar desta maneira, até porque nesta época não havia transporte escolar na região.

Os educandos que terminavam as séries iniciais tinham que se deslocarem até o distrito mais próximo para estudar, no caso: Santa Rosa-GO. E a luta continuava, porque como não havia transporte escolar, os educandos teriam de ir de bicicleta à escola todos os dias, saindo cedo e chegando à noite em suas casas. Isso até conseguir um transporte escolar para transportar os estudantes.

No ano de 2002, deu-se início a construção do prédio escolar geral no assentamento, acabando com as outras escolas que tinham na comunidade concentrando todos os educandos em uma única escola. Essa escola existe até hoje na comunidade. No início, essa escola funcionava do primeiro ao quarto ano, depois de um tempo, através de pedidos dos pais, a comunidade conseguiu uma extensão da escola estadual Distrito de Santa Rosa, onde os

educandos estudavam, e as aulas passaram a funcionar dentro do assentamento, não precisando mais os educandos ter que irem a Santa Rosa estudar.

No ano de 2003, saiu o crédito de habitação para o assentamento, realizando o sonho das famílias, de possuírem suas próprias casas de alvenaria saindo de vez da lona preta. O crédito tem como única função as construções das casas dos assentados.

2.2.2 Pessoas pesquisadas

Este tópico destina-se a apresentar o perfil das pessoas que fazem parte da pesquisa. Precisamos, porém, levar em consideração a fala proferida por cada um, por tanto, Foucault (2005) declara que não importa quem fala, mas o que é dito, não é dito de qualquer lugar. O perfil dos pesquisados será estudantes do Assentamento Virgilândia localizado no município de Formosa-GO, de sexo masculino e feminino, ambos escolarizados, de 10 a 25 anos de idade. Os jovens dessa comunidade juntamente com seus familiares vivem na zona rural, em um assentamento de reforma agrária com duzentas e cinquenta e oito famílias, sobrevivem das plantações agrícolas, pecuária, avicultura, aposentadoria e recursos que são adquiridos por via de políticas públicas oferecido pelo governo como: Bolsa família, renda cidadã, programa de erradicação do trabalho infantil (PETI) etc. A maioria dos pais não exercem uma análise crítica sobre que tipos de músicas seus filhos devem ouvir. Neste sentido, a família deveria atuar de forma precisa na organização e até mesmo na orientação de que tipo de música a escola poderia trabalhar como material pedagógico para que os estudantes se apropriem da cultura musical e todas as suas tendências e não somente as tendências atuais.

A escola que os jovens estudam oferece o Ensino Básico, em observação ao PPP da escola, não foi encontrada proposta de trabalhar a música como disciplina, conforme a lei³ de Nº 11.769 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação

³ O presidente Lula sancionou no dia 18 de agosto de 2008, a **Lei Nº 11.769**, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica. A aprovação da Lei foi sem dúvida uma grande conquista para a área de educação musical no País. Todavia, há também grandes desafios que precisam ser enfrentados para que possamos, de fato, ter propostas consistentes de ensino de música nas escolas de educação básica. FONTE; <http://www.abemeducacaomusical.org.br/noticias2.html> acessado em 26/02/2013.

básica. Para tanto, como os estudantes poderiam apresentar gosto por uma ou outra tendência musical se o que predomina são os discursos ideológicos proferidos pela indústria cultural de massa junto à mídia, caberia à escola trabalhar uma proposta contra hegemônica.

De acordo com os parágrafos anteriores, acontecerá uma investigação sobre quais tipos de músicas a juventude do assentamento está ouvindo, e se os mesmos conhecem a música sertaneja de raízes e o que leva esta juventude camponesa a ouvi-la ou não.

Percebemos que esta sociedade vem sofrendo uma influência dominadora imposta pelos discursos ideológicos da indústria cultural, que segundo Coelho (1980, p. 12):

A cultura de massa aliena, forçando o indivíduo a perder ou a não formar uma imagem de si mesmo diante da sociedade, uma das primeiras funções por ela exercida seria a narcotizante, obtida através da ênfase ao *divertimento* em seus produtos.

Entretanto, investigar o que leva as pessoas a não se reconhecer como sujeito de onde mora, e a desvalorizar a cultura camponesa, seguindo um percurso não percorrido pelos antepassados, se torna primordial para análise desta pesquisa. Existe uma explicação para esse fenômeno está acontecendo, é a perda da ausência de reflexividade provocada pela violência do imaginário, que de acordo com Hanna Arendt (*apud* KEHL, 2000, p.137), diz que “O mal absoluto não é o mal produzido com intenções malignas, a partir da prevenção de alguém, é o mal que vem da superfluidade do ser humano, da ausência de reflexão, da banalização da nossa condição humana”.

2.2.3 Instrumentos utilizados na pesquisa

De acordo com a metodologia qualitativa de pesquisa, o processo da coleta de dados, aconteceu por método de observações e entrevista estruturada, na forma de questionário.

A observação e a entrevista foram realizadas na Escola Estadual Assentamento Virgilândia, com a finalidade de colher informações sobre os tipos de músicas os jovens andam escutando no seu dia a dia, e se os mesmos conheciam, e ouviam a música sertaneja de raízes, e quais as diferenças existentes apresentadas nos discursos proferidos pelos artistas sertanejos de raízes, para a os sertanejos universitários.

Diante do exposto sobre a escolha metodológica, delineam-se objetivos e perguntas de pesquisa:

2.2.4 Objetivo Geral

Investigar e analisar os tipos de músicas que estão sendo consumidas pela comunidade de Virgilândia: jovens de 10 a 25 anos, principalmente se estão ouvindo a música sertaneja de raízes e qual música é trabalhada na escola.

2.2.5. Objetivos Específicos

- Pesquisar que tipo de músicas circula entre os jovens de Assentamento Virgilândia.
- Investigar se os jovens da comunidade Virgilândia conhece a música sertaneja de raízes.
- Analisar o discurso que as letras das músicas da cultura de massa exercem sobre o aspecto cultural.
- Verificar se a música é trabalhada na escola.

2.2.6 Perguntas exploratórias

- Quais músicas os jovens de Virgilândia estão ouvindo?
- Qual música a escola trabalha com os jovens?

No capítulo a seguir, tratamos da Educação do Campo e da Licenciatura em Educação do Campo.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO DO CAMPO E LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO NO CAMPO

O presente capítulo aborda, de forma sintética, o que é Educação do Campo, o que é a Licenciatura em Educação do Campo e seu objetivo de formação de educadores para as escolas do campo. Além disso, abrimos um enquadre para registrar sobre a experiência do autor deste trabalho em relação à educação do campo.

2.1. Educação do Campo

Conforme o Projeto Político Pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo, o conceito de educação do campo, ainda com seus traços de algo recentemente criado, salienta que este conceito não é apenas por uma educação escolar, é a incorporação dos aprendizados técnicos e científicos a outras praticas educativas ligadas às diversas culturas presentes na vida do sujeito e do seu contexto histórico. A proposta de educação para o campo foi desenvolvida como modelo contra hegemônico à educação da sociedade vigente a qual agrega valores pejorativos aos camponeses, tais como atrasados, preguiçosos, ingênuos e incapazes, ao tratarmos desta questão interessa-nos o firmar das culturas destes sujeitos historicamente excluídos. Segundo aquele documento:

O conceito de Educação do Campo é novo. Tem menos de dez anos. Surgiu como denúncia e como mobilização organizada contra a situação atual do meio rural: situação de miséria crescente, de exclusão/expulsão das pessoas do campo; situação de desigualdades econômicas, sociais, que também são desigualdades educacionais, escolares. Seus sujeitos principais são as famílias e comunidades de camponeses, pequenos agricultores, sem-terra, atingidos por barragens, ribeirinhos, quilombolas, pescadores, e muitos educadores e estudantes das escolas públicas e comunitárias do campo, articulados em torno de Movimentos Sociais e Sindicais, de universidades e de organizações não governamentais. Todos buscando alternativas para superar esta situação que desumaniza os povos do campo, mas também degrada a humanidade como um todo. (PPP, 2009, p. 8).

O movimento pela educação do campo foi ganhando força mediante as discursões realizadas entre os movimentos sociais e outras entidades educacionais. Isso gerou, com muita luta políticas públicas. Uma política pública fruto dessas discussões foi o Programa Nacional

de Educação e Reforma Agrária (PRONERA), que criou condição para a formação de jovens e adultos camponeses, os quais tiveram acesso à educação de qualidade no campo. Nesse sentido, a educação do campo segundo Caldart et alii (2012, p. 264) se materializa nas lutas e nas práticas sociais:

A educação do campo não nasceu como teoria educacional, suas primeiras questões foram práticas. Seus desafios atuais continuam sendo práticos, não se resolvendo no segundo no plano apenas da disputa teórica. Contudo, exatamente porque trata de práticas e de lutas contra hegemônicas, ela exige teoria, e exige cada vez mais rigor de análise da realidade concreta, perspectiva de práxis.

Um dos princípios que norteiam a educação do campo é construir para o campo uma proposta de educação que tenha compromisso com o desenvolvimento social, em que o mesmo não seja apenas um espaço de produção agrícola. Na atualidade se faz necessário reforçar que o campo é um lugar de produção da vida e do conhecimento é espaço onde se constitui novas relações sociais entre sujeitos e seu contexto e também estabelece novas relações entre o que é rural e o urbano.

Seguindo esse raciocínio, vale salientar que o direito a educação não é apenas ir à escola, porém, a mesma tem uma função educativa de preparar o sujeito para especificidade em que emerge o mundo moderno. Embora a educação escolar não seja o único tipo de educação a que se faz necessário à vida do sujeito. Esta deve estar ao acesso de todos não de maneira fragmentada, mas de forma que seus processos educativos os fortaleçam teoricamente, respeite sua identidade e possibilite a construção dos saberes e conhecimentos culturais dos sujeitos de direito.

Para tanto, Arroyo (2005) ressalta em Palestra proferida no Seminário Nacional “Educação Básica nas Áreas de Reforma Agrária do MST que “o direito à educação não acontece por si só”. É um dos direitos mais entrelaçados com a totalidade da produção da existência. O direito à educação é inseparável da totalidade dos direitos humanos”. Os protagonistas da vida no campo ao longo de sua história têm sofrido uma série de preconceitos e perdas de valores culturais provocadas por esse sistema de ensino classificatório e excludente hegemônico imposto à sociedade. Com uma visão humanizadora igualitária para todos os sujeitos, Arroyo (2005, p. 6) afirma que:

As escolas têm de legitimar todos os saberes e todas as formas de pensar. Têm de legitimar, também, sua cultura e o pensar popular. Além do conhecimento construído os povos do campo têm direito à sua cultura e à herança cultural acumulada. A cultura é uma das heranças mais dignas, mais nobres; e tão determinante da história quanto o conhecimento e a ciência.

A democratização do saber deve acontecer-nos vários âmbitos educacionais, nesse caso, visa a superar as instituições com culturas seletivas e excludentes, avançando na compreensão no que é vital a formação dos valores humanos.

2.2 Licenciatura em Educação do Campo

A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) está presente em mais de 30 universidades no Brasil. É um curso novo que tem uma metodologia de ensino voltada para o povo camponês, visa formar educadores para atuarem nas escolas do campo, para irem além da docência, ou seja, atuar na gestão dos diversos espaços formativos da escola ou sociedade.

A licenciatura surge exercendo um papel de formação humana onde se cria uma nova prática educativa em que a graduação não é apenas mais um curso nas universidades públicas brasileiras. Traz como objetivo a formação de profissionais habilitados para atuarem nas séries finais do ensino básico, fundamental e médio, tendo como objetivo o trabalhar dos conhecimentos empíricos intrínsecos ao conhecimento epistemológico.

Os movimentos sociais tiveram uma participação diretamente importante para a materialização da Licenciatura em Educação do Campo, apontando como a vontade por uma educação de caráter contra hegemônico pode contribuir de forma ativa e não passiva na sociedade, abrangendo dessa forma as políticas públicas na área educacional, voltadas a garantir formação dos sujeitos em sua totalidade.

A metodologia do curso é de alternância em que é formada por Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC). No período do Tempo Escola, os educandos do curso passam por um tempo de estudo que vai de 45 a 60 dias, de aulas presenciais na universidade, sendo que as aulas acontecem diurnamente. Já no Tempo Comunidade, os educandos realizam os trabalhos de inserção na escola e na comunidade, em que eles fazem os trabalhos de estágio e de pesquisa.

A forma de ingresso na LEdoC é por via de vestibular como qualquer outro curso da academia, contudo esse vestibular tem um edital específico, direcionado para as especificidades das pessoas do campo.

O curso vem apresentando uma dinâmica diferente dos demais cursos, pois propõe a fazer uma formação inovadora de docentes, para isso vislumbra em seu cenário pedagógico a interdisciplinaridade, multidisciplinaridade que trazem em seu conceito dimensões em que o sujeito e sua condição não é fruto de um mero acaso e sim de todo um histórico, abordando a dialética como forma de superar e entender os tempos educativos contemplados por meio da organicidade do educandos e dos educadores.

2.3. Relato sobre a Educação do Campo

Nesses últimos parágrafos, abrimos um enquadre, para registrar em primeira pessoa, uma experiência sobre a LEdoC.

Minha vida sempre foi morar no campo, gosto de ser camponês, não tenho vergonha, pelo contrário, sinto orgulho de pertencer à classe trabalhadora camponesa. Através dos conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, posso afirmar que hoje tenho uma percepção totalmente politizada angariada pela troca de experiência do trabalho coletivo por quatro anos, que venho estudando na LEdoC, com pessoas de vários estados brasileiros onde presenciei a diversidade de manifestação cultural e, também, de etnias.

A educação do campo, por sua vez, trouxe bastante conhecimento científico que a universidade oferece a seus educandos, desmistificando o conhecimento empírico. Poder participar de debates com os professores e colegas também foi enriquecedor.

Antes não possuía tanta percepção da situação conjuntural da realidade Brasileira, no âmbito da precarização cultural, moral e da sociedade capitalista em que vivemos em que na maioria das vezes, estamos sendo enganados por tanto discursos ideológicos proferidos pela classe dominante.

Sempre, procurei desenvolver algum trabalho voltado para o campo das artes na qual me identificava, então escolhi a música, e desde cedo comecei a minha trajetória com a música. A musicalidade na qual tenho exercido ao longo dos anos, acredito que faz parte de uma herança da família que vem desde os meus avós. Participando no curso de graduação em Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC - adquiri muitas experiências importantes para minha formação no aspecto da estética musical, algo que desde o início do curso, havia discursão envolvendo a que tipo música deveria ser ouvida. Porque por traz de música existe um discurso que é imposto para a sociedade. As músicas que são produzidas pela indústria cultural apresentam muitos problemas, mas nem todas as pessoas conseguem perceber isso, porque isso é o papel da cultura de massa tornar as pessoas passivas perante a situação vivida.

Esquecer-se da realidade e seduzir a sociedade a viver num mundo fictício tem sido o papel da indústria cultural.

Hoje, a minha visão no tocante ao o que ouvir e ao que tocar em termo de música é diferente. Agora, exerço certo cuidado ao discurso que a letra quer passar, e sei quais as músicas que compensa tocar e cantar. Isso ninguém mais tira de mim, graça a visão política e critica reafirmada na universidade através da Licenciatura em Educação do Campo, dos professores e dos meus colegas de classe.

CAPÍTULO III

BASE TEÓRICA MULTIDISCIPLINAR

Ao longo do desenvolvimento deste capítulo de pesquisa, utilizamos uma série de referências bibliográficas que irá registrar os conceitos mencionados na parte introdutória. Através deles, tecemos exposições sobre aspectos da Sociolinguística, Análise do Discurso Crítica, Cultura, Indústria Cultural e Violência do Imaginário.

3.1 Aspectos da sociolinguística

Para entendermos melhor a língua, é necessário saber que existem várias formas de se falar uma mesma língua, no qual os sociolinguísticos chamaram de variação linguística. O conceito de variação linguística é um dos mais importantes da sociolinguística, porque é através dele que passamos a entender esse fenômeno complexo e fascinante que é a língua.

A variação linguística ocorre não só entre uma região para outra, ou um estado para o outro, mas sim também entre pessoas falantes de uma mesma localidade, e para explicar esses fenômenos apresentados na língua, foi necessário criar um estudo por vários cientistas da língua voltado para esta área chamado sociolinguística. De acordo com Bagno (2007, p. 28):

A sociolinguística surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, quando muitos cientistas da linguagem decidiram que não era mais possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade em que ela é falada. O estudo da variação e da mudança na perspectiva sociolinguística foi impulsionado, sobretudo por William Labov (nascido em 1927), que se tornou o nome mais conhecido da área.

Por isso, fez necessário estudar vários fatores extralinguísticos que de uma forma para outra interferem direto e indiretamente na forma de cada indivíduo falar, causando as diversas variações linguísticas presente na sociedade.

- Origem geográfica: a língua varia de um estado por outro, podemos fazer uma análise com os diversos estados brasileiros. Com isso podemos observar o quanto à língua

pode variar por meio dos seus falantes, como por exemplo: um paulista não fala igual á um cearense, ou vice-versa.

- Status econômico: a língua também sofre variação por partes de falantes que tem baixa renda, para outros que ganha mais de cinco salários mínimos.
- Grau de escolarização: o acesso ao grau de escolarização maior ou menor, também é um fator que provoca variação na língua das pessoas, uma pessoa que tem um grau de estudo bem elevado se monitora mais quando está falando que uma que só cursou o até quarto ano.
- Idade: A cada período de idade dos seres humanos, a língua apresenta variação, porque um jovem não fala do mesmo jeito de um senhor de mais de cinquenta anos, assim vice-versa. E a cada geração que passa usa outra linguagem da que usou a antepassada.
- Sexo: homens e mulheres têm formas diferentes de usar os recursos que a língua oferece.
- Mercado de trabalho: no cotidiano de cada pessoa dentro do mercado de trabalho, cada qual desenvolve certa linguagem que se identifica e adequa com o ambiente vivido por cada usuário da língua. Por exemplo: um médico não fala igual a um jogador, ou um cortador de cana, iguais a um advogado, ambos são trabalhadores mais cada qual tem a sua forma de usar a língua.
- Redes sociais: Cada pessoa tem um comportamento diferente e semelhante ao mesmo tempo aos das pessoas com quem convive em redes sociais e, mas uma vez é apresentado o fator linguístico entre a comunicação das pessoas.

Pesquisa realizada por linguística no Brasil enfatiza a um dos fatores mencionado como causador da variação linguística que é o grau de escolarização, que também se encontra no Brasil ligado ao status socioeconômico. Porque a realidade vivenciada pelos brasileiros se encontra da seguinte maneira: quem geralmente continua estudando é quem tem uma condição financeira mais elevada, porém, já a maioria quase não estuda nem o ensino fundamental, outros nem o fundamental por causa de condição financeira não ser favorável, e o resultado disso tudo é o grande índice de analfabetismo no país. Crianças e jovens tem que trabalhar para sobreviver e ajudar a família.

Através desse conjunto de fatores, poderíamos estudar a língua falada por fase de idade e também grupos sociais específicos. Ou seja: se analisássemos um grupo de jovens entre 14 a 25 anos moradores de um centro urbano, para outros das mesmas idades, mas que morassem na zona rural veríamos uma variação linguística por ambos os grupos, ou se analisássemos um grupo de morador de uma favela de uma grande cidade como Rio de Janeiro, com um grupo de trabalhadores lá do sertão da Paraíba, aconteceria à mesma coisa, cada um tem a sua forma de usar a língua alguns se monitora mais outros não. Seguindo esse raciocínio (BAGNO, 2007, p. 45) observa que “Não existe falante de estilo único: todo e qualquer indivíduo varia a sua maneira de falar, monitora mais ou menos seu comportamento verbal, independentemente de seu grau de instrução, classe social, faixa etária etc.”

Além da variação linguística, outro conceito que é importante na sociolinguística é o de variedade. Quando falamos em variedade linguística, estamos dando menção às diversas formas de falar uma mesma língua. Por exemplo, os estados brasileiros. No Brasil falamos o português, mas cada estado utiliza-se de uma forma para pronunciar a língua caracterizando a variedade linguística. Nota-se que a língua é constituída por uma heterogeneidade em parceria com sociedade, indissolúvelmente entrelaçada, entremeada (Bagno, 2007).

Entretanto, percebe-se que a língua é fruto de uma ação coletiva no qual, ao longo dos séculos todos os grupos de pessoas foram se legitimando a cada forma de usar a língua, (BAGNO, 2007). Podemos classificar a variação sociolinguística da seguinte forma: variação diatópica, variação diastrática, variação diamésica, variação diafásica e variação diacrônica.

- ✓ **Varição diatópica:** é aquela que presenciamos em lugares diferentes como as grandes cidades, a zona rural e todas as áreas socialmente demarcadas.
- ✓ **Varição diastrática:** é a que verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais.
- ✓ **Varição diamésica:** é a que analisa a comparação dos discursos proferidos tanto na língua falada, como também na língua escrita. Na análise dessa variação é fundamental o conceito de gênero textual.
- ✓ **Varição diafásica:** é a variação estilística que vimos mais acima, é o uso diferenciado que cada pessoa faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que cada um utiliza ao seu comportamento verbal.
- ✓ **Varição diacrônica:** é a que estuda na comparação entre diferente período da história de uma língua. Porque os linguistas gostam de estudar as mudanças ocorridas por etapas vividas na sociedade (BAGNO, 2007).

Ainda falando sobre a variedade linguística, Bagno (2001, p. 36) diz que: “menosprezar, rebaixar, ridicularizar a língua ou a variedade da língua empregada por um ser humano equivale a menosprezá-lo, rebaixá-lo enquanto ser humano”.

Na língua não existe falante de estilo único. Diante disso, Bagno (2007, p. 47) afirma que “toda língua é um feixe de variedades”. Cada variedade linguística tem suas características próprias, que servem para diferenciá-la das variedades.

Por que todo e qualquer indivíduo varia sua maneira de falar, cada sujeito exerce uma forma de monitorar a maneira que se falam, muitos se monitora mais, porém, já outros menos devidos ao grau de escolaridade que teve e sua percepção dos contextos. Esse monitoramento se dá tanto na escrita como também na fala.

3.2 Aspectos da análise do discurso

Resende e Ramalho (2006) faz menção a autores que vêm contribuindo com base na percepção na análise do discurso, entre estes estão: Fairclough, Chouliaraki, Giddens, Gramsci, Harvey, Bhaskar entre outros. Para entendermos como fazer análise de discurso é de suma importância conhecer os conceitos apresentados nessa vertente, tais como: texto, prática discursiva, prática social e outros tópicos, como: hegemonia, naturalização. Visto que os discursos a serem analisados são músicas sertanejas que circulam na comunidade de Virgilândia – Formosa – GO.

Para estudarmos o discurso como prática social é preciso compreender o uso da língua como prática social, e isso nós remete a compreender que o discurso é constituído tanto socialmente, como também pelas identidades sociais, através da participação dos indivíduos nos conhecimentos das crenças. Nesse sentido, Fairclough (*apud* RESENDE; RAMALHO, 2006) define o discurso como prática social, modo de ação sobre o mundo e a sociedade, um elemento da vida social de modo interconectado a vários elementos.

A teoria social do discurso tem trabalhado com um método que leva em consideração três dimensões possíveis de serem estudadas pelo leitor ao realizarmos uma análise de discurso. O texto, a prática discursiva e a prática social são as três dimensões que a teoria do discurso trabalha como modelo.

No texto, podemos analisar a fala e a escrita, porém já a prática discursiva realiza uma análise referente a quem produz a fala e, a quem irá receber, e como é consumido. Portanto, a prática social nos remete à intertextualidade das demais dimensões, entre elas o texto e prática discursiva. As mudanças apresentadas nas diversas práticas discursivas são devido a vários fatores que naturalmente estão envolvidos com os fatores sociais. De acordo, com Fairclough (1989) não há, portanto, uma relação externa entre linguagem e sociedade, mas uma relação interna e dialética.

Neste sentido, vale ressaltar que mediante a participação da sociedade nesse processo dialético, através dos diversos tipos de discursos proferido pelos grupos de falantes, ocorrem várias influências que, na maioria das vezes, têm constituído domínio sobre os indivíduos, caracterizando dessa maneira os discursos ideológicos.

Segundo Orlandi (2012) o conceito de ideologia se define a um conjunto de ideias ou pensamentos de uma pessoa ou de um grupo de indivíduos. Sendo que a mesma exercem ações ligadas a fatores tanto das políticas, econômicas e sociais, a noção de ideologia apresenta os seguintes traços gerais, que estão relacionados nos discursos ideológicos proferidos pela classe dominante contra a classe subalterna sendo esta a anterioridade, generalização e lacuna.

- ✓ **Anterioridade:** a ideologia trabalha como um conjunto de ideias, normas e valores com a intencionalidade de fixar e prescrever os modos de pensar, e agir das pessoas. Em razão de sua anterioridade exercendo assim um papel predeterminante contra o pensamento e ação, desprezando a história e a prática na qual cada pessoa se insere, vive e produz.
- ✓ **Generalização:** a ideologia exerce uma finalidade de produção de um consenso, um censo comum ou aceitação geral em volta de certas teses e valores existentes na sociedade. Causando uma generalização para toda sociedade aquilo que corresponde aos interesses específicos dos grupos ou classes dominantes. Com isso, “o bem de alguns” é difundido como se fosse o “bem comum”. Além disso, esta generalização trabalha com intuito de ocultar a origem dos interesses sociais específicos, que nascem da divisão da sociedade em classes.
- ✓ **Lacuna:** a ideologia desenvolve-se um trabalho sobre uma lógica construída sobre uma base de lacunas. Onde a mesma omite silêncio e salto. Sobre uma lógica montada

para ocultar em vez de revelar, falsear em vez de esclarecer, esconder em vez de descobrir.

As pessoas, hoje em dia, têm se tornado vítima de discursos ideológicos que vem exercendo uma função de dominação na atual sociedade. Nesse sentido, Van Dijk (2010, p. 47) relata que: “tanto a ideologia em si quanto as práticas ideológicas derivadas dela são frequentemente adquiridas, exercidas de comunicação, o aparato educacional, a igreja, bem como por meio de instituições informais, como a família”. Percebemos que o discurso ideológico traz consigo um grande poder de manipulação, sendo este poder persuasivo uma prática de abuso de poder utilizado pela classe dominante. O conceito de hegemonia segundo (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, *apud* RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 41):

Enfatiza a importância da ideologia no estabelecimento e na manutenção da dominação, pois, se hegemonias são relações de dominação baseadas mais no consenso que na coerção, a naturalização de práticas e relações sociais é fundamental para a permanência de articulações baseadas no poder.

Falando-se em poder de manipulação, a classe dominante nos dias atuais vem se apoderando de todos os recursos de informações midiáticos e impressos de modo em geral como ferramentas ideológicas persuasivas para transmitir discursos de manipulação. “Essa manipulação de aquisição de conhecimento social pode afetar os próprios preceitos e valores utilizados para avaliar eventos e pessoas e para condenar ou legitimar ações” (VAN DIJK, 2010, p. 250).

Olhando para a situação conjuntural em que se encontra a sociedade hoje, percebemos que está existindo realmente uma precarização dos valores tais como: morais, culturais, religiosos, étnicos etc. Quando Van Dijk, (2010) escreve sobre o que o discurso manipulador imposto pela hegemonia (indústria cultural) impõe para a sociedade, perceberemos o que isso tem provocado na vida das pessoas como, por exemplo: afetando os preceitos e valores construídos há vários séculos ao longo da história, tornando a sociedade cada vez mais passiva e paternalista, isso nos faz lembrar o que Coelho (1980, p. 12) diz:

A indústria cultural fabrica produtos cuja finalidade é a de serem trocados por moeda; promove a deturpação e a degradação do gosto popular; simplifica ao máximo seus produtos, de modo a obter uma atitude sempre passiva do consumidor;

assume uma atitude paternalista, dirigindo o consumidor ao invés de colocar-se à sua disposição.

Duas definições de discurso e hegemonia são estabelecidas por Fairclough (1997 *apud* Resende e Ramalho, 2006, p.43), onde o autor faz uma análise entre luta hegemônica e sociedade chegando a uma conclusão que, nesse processo, acontece que

A luta hegemônica assume uma a forma da prática discursiva em interações verbais a partir da dialética entre discurso e sociedade-hegemonias é produzida contestada e transformada no discurso. Em segundo lugar, o próprio discurso apresenta-se como uma esfera da hegemonia, sendo que a hegemonia de um grupo é dependente, em parte, de sua capacidade de gerar práticas discursivas e ordens de discurso que a sustentem.

Ao se tratar da prática discursiva em interações verbais a partir da dialética entre discurso sociedade e hegemonia, é importante levar em consideração a intertextualidade que é mais uma categoria de análise relacionada à forma de agir discursivamente em práticas sociais. Segundo Resende e Ramalho (2009), a intertextualidade consiste em uma categoria de análise que apresenta muita complexidade e um potencial produtivo. Entretanto, é vista através de combinação da voz de quem pronunciam em relação a outras vozes que são pronunciadas.

Por exemplo, na incorporação de um fragmento de um texto a outro através de paráfrase sem nem uma atribuição explícita, a intertextualidade liga um texto a outros textos, onde nem sempre se pode distinguir claramente, assim como se pressupõe.

3.3 A cultura de massa

Assim como todos os seres humanos têm suas origens étnicas e, que por trás de cada uma existem uma história vivida que foi construída ao longo dos séculos, a cultura também é algo que acompanha as pessoas desde o surgimento da humanidade. Falando-se em cultura, precisamos ter conhecimento sobre o que é este conceito, algo que nem todos sabem

realmente explicar, porém cultura diz respeito a uma preocupação contemporânea, que se encontra viva nos dias atuais (SANTOS 2006).

Quando falamos em cultura naturalmente vem à mente ideia de que cultura se refere unicamente às manifestações artísticas tais como o teatro, a música, a pintura, a escultura etc. Sem saber que a cultura vai além do que se espera, portanto, é necessário que se faça um estudo aprofundado para sabermos verdadeiramente como classificar o que é cultura. Santos (2006, p.9) diz que “ao trazermos a discussão para tão perto de nós, a questão da cultura torna-se tanto mais concreta quanto adquire novos contornos. Saber se há uma realidade cultural comum à nossa sociedade torna-se uma questão importante.”

Fazendo-se análise sobre a diversidade cultural presente na sociedade brasileira, isso nos remete a lembrar do período histórico desde o descobrimento do Brasil. Porque através deste estudo do passado, conseguiremos perceber como as culturas foram-se estabelecendo ao longo dos anos. O Brasil é um país que possui uma área de grande territorialidade que no período da ocupação territorial, por via da migração, foi sendo povoado por diversas etnias.

Por parte deste estudo histórico que o país vivenciou, notamos que as pessoas foram chegando e se espalhando nas terras brasileiras, onde, mais tarde veio às divisões dos estados. E cada estado foi-se originando e um padrão de cultura tornando-se uma representatividade de cada estado onde vive as pessoas. País com diversas manifestações culturais como é o caso do Brasil, existe um grande potencial na área de conhecimento, conforme Santos (2006, p.41):

Vale ressaltar que cultura abrange as diversas maneiras como o conhecimento é propagado por uma sociedade, como é o caso de sua arte, religião, esportes e jogos, tecnologia, ciência, política. O estudo da cultura assim compreendida volta-se para as maneiras pelas quais a realidade que se conhece é copilada por uma sociedade, através de palavras, ideias, doutrinas, teorias, práticas costumeiras e rituais.

É importante considerar a diversidade cultural dentro de cada sociedade; isso é de fato essencial para compreendermos melhor o país em que vivemos (SANTOS 2006). Na atual conjuntura, percebemos que a cultura tem sofrido mutação, este fator tem proporcionado muita das vezes à perda da essência das manifestações culturais. Notamos que nos dias atuais, a cultura vem se materializando na forma de mercadoria reproduzida sobre as influências da indústria cultural, exercendo uma dominação imposta pela classe dominante, com discurso ideológico capitalista. Nesse contexto, de acordo com Adorno (1978), na indústria cultural, o consumidor não é rei nem sujeito, mas seu objeto. A cultura que é uma obra de arte passa a

ser uma mera obra da reprodutibilidade mercantil, perdendo a sua essência, aquilo que Benjamin (1955), chama de aura. A cultura se torna periférica, chegando ao ponto de se atrofiar.

Cada dia, a sociedade vem sendo dominada pelo discurso colocada pela cultura de massa, as pessoas passa ser manipuladas. Segundo VAN DIJK (2010, p. 251), “Essa manipulação realiza-se por meio do discurso em sentido amplo, isto é, incluindo características não verbais como gestos, expressões faciais, *layout* de texto, imagens, sons, músicas etc.”

Hoje a indústria cultural faz uso de todos os recursos presentes na sociedade como arma de dominação e negação dos valores construídos há séculos. A indústria cultural usa da técnica e dos melhores recursos para envolver o consumidor, levando até eles uma arte mais acessível de conteúdo oco, repetido e muitas vezes abandonado (COSTA *et alii*, 2003).

Quando falamos em cultura é preciso saber qual significado estamos querendo obter, porque existem vários conceitos referentes à cultura denominada pela sociedade. Portanto, seguindo esse raciocínio, Santos (2006, p.35) pontua que a:

Cultura pode por um lado referir-se à "alta cultura", à cultura dominante, e por outro, a qualquer cultura. No primeiro caso, cultura surge em oposição à selvageria, à barbárie; cultura é então a própria marca da civilização. Ou ainda, a "alta cultura" surge como marca das camadas dominantes da população de uma sociedade; se opõe à falta de domínio da língua escrita, ou à falta de acesso à ciência, à arte e à religião daquelas camadas dominantes. No segundo caso, pode-se falar de cultura a respeito de qualquer povo, nação, grupo ou sociedade humana. Consideram-se como cultura todas as maneiras de existência humana.

3.4. Violência do imaginário

Quando se trata de violência do imaginário, estamos trabalhando um conceito que para a sociedade é algo novo, ficando a mercê das pessoas o que se trata. Todo momento o nosso imaginário tem enfrentado uma violência que é provocada devido à imensa influência da indústria cultural que para Kehl (2000, p.144) é:

A imagem ganha uma significação onde ocupa o lugar do ser (que é de fato, um lugar vazio); do ponto de vista da constituição subjetiva, se o ser produz uma ilusão

de identidade quando o sujeito encontra sua imagem, o ser se encora na fortaleza narcísica da imagem do corpo.

Percebemos que o sujeito é manipulado por um desejo em nunca se nutre razão do grande consumismo presente na sociedade atual. Conforme, ainda, Kehl (2000) a violência do imaginário consiste no fruto da ausência de significados na nossa vida, quando se dispensa o pensamento. Já para (Maria Rita Kehl, *apud*, Arendt, 2000, p. 148), o vazio do pensamento é uma condição produzida na sociedade de massa, esta condição conduz a sociedade a um regime de dominância.

Adorno e Horkheimer (1978) estuda a produção industrial dos bens culturais como movimento integral de produção da cultura como mercadoria. Entende-se por indústria cultural, o conjunto de meios de comunicação como, o teatro, os jornais, as revistas, o rádio, o cinema que ambos formam um poderoso sistema para gerar capital e por serem de fácil acesso a população, a cultura de massa realiza um tipo de dominação e controle social, ou seja, ela não só constrói a comercialização da cultura, como também obter um reconhecimento da demanda desses produtos.

A sociedade dos dias atuais vem enfrentando uma grande transformação no aspecto cultural devido às influências impostas pela cultura de massa que têm exercido um papel desmistificador das raízes culturais criadas ao longo da história. A indústria cultural, ultimamente tem realizado um trabalho de caráter predominante sobre a sociedade, com isso, nela, a tirania da imagem é destruidora, tornando a sociedade vítima de um tipo de violência do imaginário na qual segundo Kehl (2000, p. 134):

É a violência em si do imaginário, e isso tem sim, participação com os modelos de comportamento na vida de cada indivíduo, deixando em evidência o tamanho do problema que a sociedade vem enfrentando, esta violência imaginária não depende exclusivamente dos conteúdos apresentados nas imagens.

Fazendo uma análise comparativa entre imagens televisivas expostas pela mídia, e as músicas produzidas pela cultura de massa, percebemos que ambas têm exercido um trabalho que queira ou não, a sociedade tem sofrido esta violência. Com isso, a sociedade perde muitos valores construídos pelos nossos antepassados, porque a indústria cultural exerce por si próprio certo poder sobre os cidadãos, impondo uma nova forma de viver, onde as pessoas passam ser dominadas, perdendo a necessidade de pensar e analisar os fatos. Para Kehl *apud* Arendt, (2000, P.137): O mal absoluto não é o mal produzido com intenção malignas, a partir

da prevenção de alguém, é o mal que vem da superfluidade do ser humano, da ausência de reflexão, da banalização da nossa condição humana.

Vale salientar que uma das razões da sociedade está mais violenta, enfrentando diversos problemas, é fruto de tudo que a cultura de massa está compartilhando. Seguindo essa linha de raciocínio, Kehl (2000) cita Hanna Arendt, que menciona em um dos de seus trabalhos um fragmento de Sócrates onde o mesmo diz que “o pensar acompanha o viver”, ficando claro que uma vida sem pensamento é uma vida sem sentido.

Nesse sentido, percebemos que hoje a sociedade tem sofrido alteração no aspecto cultural e no modo de viver, porque a sociedade é fruto de um ambiente em que todo o momento somos bombardeados pela mídia, incluindo as músicas que têm contribuído para perda dos valores morais, através de discursos ideológicos que estão sendo impregnados através das letras emitidas em cada ritmo das canções de duplo sentido, termo pejorativo e de incentivo à violência contra mulheres. Na atual conjuntura que se encontra a sociedade, avaliamos que as pessoas se encontram em uma situação de dominação alienativa produzida pelo sistema imposto através da indústria cultural.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DE DADOS: A MÚSICA NO ASSENTAMENTO VIRGILÂNDIA

Neste capítulo, serão analisados os dados coletados para realização da pesquisa. Essa análise dar-se através de fragmento extraído de músicas e respostas adquiridas por via de entrevistas estruturadas realizadas com doze jovens, estudantes do Assentamento Virgilândia, com uma variação de idade, entre dez a vinte cinco anos.

4.1. A análise

Objetivo desta análise é responder à investigação: que tipos de música os jovens de Virgilândia ouvem, e se as músicas sertanejas de raízes são ouvidas por eles. Com isso, vislumbramos os discursos mencionados pelos títulos das músicas produzidas pela indústria cultural e o poder antagônico exercido sobre a classe dominada serão revelados na análise.

Notamos que nem todos entrevistados conheciam a música sertaneja de raízes, algo que instiga uma reflexão sobre ao que leva os jovens do assentamento a não se reconhecerem como sujeito do campo, a não valorizar as culturas, crenças, e a negar a identidade camponesa.

Percebemos que isso não é um fenômeno natural que está presente na sociedade. Por traz disso existe um movimento massificador que tem trabalhado em cima de discurso ideológico manipulador, como ferramenta de dominação e deturpação dos valores e da identidade de cada sujeito. Esse estado de submissão, alienação e patológico vivido pelas pessoas, são frutos da hegemonia imposta pela indústria cultural.

Compreendemos que atual conjuntura social é reflexo de uma sociedade capitalista, onde tudo é transformado em meras mercadorias a serem explorada pelo capital. Com isso, a cultura, os valores éticos e morais das pessoas sofrem uma escorificação, tirando toda essência nos modos de vida das pessoas.

Quando a sociedade funciona como indústria, isso nos lembra do período histórico da revolução industrial, durante o período de 1760-1869. Época em que as máquinas começam a substituir a mão de obra humana. Entretanto nos dias atuais, percebemos que a sociedade é

explorada pela hegemonia da indústria cultural, onde a mesma desenvolve culturas mercantilizadas, algumas de origem estrangeiras, exercendo um caráter alienativo. Esta mercantilização é denominada por Adorno e Horkheimer (1978) como “indústria cultural”.

A análise se dará entre as respostas efetuadas pelos estudantes e os títulos das músicas citadas por eles para realização da pesquisa. Todos os estudantes são moradores do campo, mas nem todos se sentem felizes em estar morando no campo. Com isso, pontuamos o quanto a juventude do assentamento Virgilândia está alienada ao sistema imposto pela classe dominante.

Vale salientar-se o que se encontra em jogo, de um lado está a classe dominada nas pessoas dos estudantes, e do outro lado, a indústria cultural, a classe dominante, com todos seus instrumentos de dominação e ideologias, exercendo seu papel desumano e pacificador perante as pessoas com quem se vive no dia a dia. Para Costa et alii. (2003): “A indústria cultural usa da técnica e dos melhores recursos para envolver o consumidor, levando até eles uma arte mais acessível de conteúdo vazio, repetido e muitas vezes abandonado”.

Através dos dados adquiridos nas respostas mencionadas pelos estudantes, notamos que entre os doze alunos pesquisados, nove confirmaram que conhecem a música sertaneja de raiz, fazendo-se ainda citação de algumas, por exemplo: reino encantado, e o menino da porteira. Apenas três relataram não conhecer a música de sertaneja de raízes. Já a música sertaneja universitária, todos conhecem, isso evidencia nas respostas de cada um, todos citaram várias.

4.2 Música Sertaneja

Este gênero musical é uma referência à classe camponesa brasileira oriunda de região de sertão, na qual deriva a palavra sertaneja. A música sertaneja surgiu em 1929, por um artista da época conhecido por Cornélio Pires que começou a gravar “causos” e fragmentos de cantos tradicionais rurais da região cultural caipira. Na época conhecido como música caipira, hoje denominado música sertaneja, o gênero se caracteriza pelas letras com ênfase no cotidiano e maneira de cantar. Esse gênero apresenta uma variedade do interior do Brasil, do dialeto caipira, com suas raízes na língua vernacular, que marca de certa forma a identidade das pessoas do campo.

A música sertaneja é interpretada tradicionalmente por uma dupla, geralmente por tenores, acompanhado por uma viola como a base. Com o passar do tempo, isso foi se

evoluindo ganhando nova roupagem através de outros recursos instrumentais que no início não era usado. Isso nos remete a lembrar de Benjamin que aborda em um dos seus escritos sobre a essência da aura⁴, que a influência da indústria cultural tira da sociedade. Nesse caso, isso vem acontecendo. Hoje se utiliza o violão, guitarra, teclado, acordeom, e até instrumentos de sopro. Nos dias atuais, a música sertaneja já não se utiliza da viola como era no começo, devido às mutações evolutivas sofridas na vida das pessoas, das sociedades brasileiras, transformadas pela indústria cultural, que tem por característica gerar capital, tornando a cultura e a música em mercadoria a ser explorada pela hegemonia capitalista. Segundo COELHO, (1980, p. 36): “Para vender é necessário criar e manter o hábito de consumir. E para que este sobreviva é necessário embotar a capacidade crítica, em todos os seus domínios”.

Nesse sentido, a indústria cultural exerce seu poder de manipulação de forma ideológica e alienante, expondo todo seu domínio sobre a classe dominada. A música sertaneja hoje em dia está sendo consumida em massa, mas que surgiu como uma produção independente voltada para um público específico (ref. às primeiras gravações feitas por Cornélio Pires, dirigidas ao público do interior de São Paulo), se manteve nas fronteiras do mercado, com um consumo pequeno, mas constante (a música sertaneja se difundia principalmente pelo rádio AM; duplas se estabeleceram, como Tônico e Tinoco e vendiam pouco, mas sempre). Diríamos, então, que a estrutura para música sertaneja é globalizada, mas a produção e consumo são regionalizados. A música sertaneja universitária, por exemplo, apresenta uma variedade de língua de âmbito mais popular, mas no sentido do popular massificador, isto é, letras de música com uma linguagem sem cunho criativo.

4.3. Música Sertaneja de Raiz

A música é uma das manifestações culturais da humanidade. É expressão de sentimento; é utilizada em comemorações coletivas ou ouvida em solidão. A musicalidade é um sentimento presente por todos os seres humanos independentemente de seu credo ou religião. Dentro dos variados estilos musical apreciado pelas pessoas brasileiras, destacamos a música sertaneja de raiz, também conhecida como a música caipira.

⁴ *No interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo que seu modo de existência. O modo pelo qual se organiza a percepção humana, o meio em que ela se dá, não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente. Em suma, o que é a aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante por mais perto que ela esteja. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica:** Texto de Walter Benjamin publicado em 1955.*

Uma das características deste gênero musical é o instrumento usado na execução, sendo este a viola. De acordo com NEPOMUCENO, (2001, p. 55):

A viola é o coração da música brasileira. Nem pandeiro, nem cuíca, nem sanfona, nem violão. Esculpida num toco de pau, com dez cordas de tripa e trocos cravelhais, deu forma às melodias e cadência as poesias que aos poucos definiram o perfil musical do povo da terra. Se o primeiro brasileiro, até que um E.T. Prove o contrário, foi um índio, que tocava chocalho e flauta de bambu, o segundo foi a caipira, garrado na viola.

A música sertaneja de raiz possui várias vertentes que ao falarmos em música sertaneja, precisa ser levada em consideração. Essas são: o cururu, cateretê ou catira e a moda de viola. Elas fazem parte do universo da música sertaneja de raiz. Cada uma destas vertentes é predominante em uma das regiões no país, onde cada uma delas exercem suas especificidades para contribuições da cultura dos povos brasileiros e ainda representa variedades linguísticas, com léxicos diferenciados e semântica própria das regiões de origem. O que marca a heterogeneidade da língua portuguesa.

Com isso, mediante as entrevistas, vemos que somente 2% dos estudantes entrevistados relatam gostar de moda de viola e catira. Por outro lado, em algumas vezes, mencionam a importância das escolas trabalharem as músicas sertanejas de raízes que manifestem as culturas regionais, tendo em vista que o assentamento é oriundo de vários estados, sendo assim torna-se mais difícil manter essas culturas devido às diversidades de práticas culturais. Segundo Bagno (2007, p. 43) a “língua varia de um lugar para outro”, portanto esta afirmação revela algumas implicações, se a língua varia de região para região, consequentemente a cultura também irá variar, ou seja, essas culturas vão se perdendo devido o fato dos assentados serem de regiões diferentes, no entanto, estes legados de forma incipiente vão sendo transmitidos para as gerações vindouras.

A outra implicação, conforme Kehl (2000, p.148), é a estratégia da indústria cultural: fazer com que a sociedade se torne passiva mediante discursos ideológicos impostos pela burguesia, que é transformar as pessoas em meros receptores, perdendo a essência da vida, ou seja, isso implica na perda de identidade, sobretudo conforme a autora, “a violência do imaginário é a resposta à ausência de sentido em nossa vida” isto é, a sociedade começa a não mais pensar nem analisar sobre seus valores e princípios transformando-os em objetos de reprodução de uma cultura industrializada.

Conforme a análise anterior, verificamos segundo Marcos Bagno (2000), sobre a variedade linguística, nesse caso o cronoleto, o qual determina a faixa etária de uma geração de falantes. Sobre isso, comprovamos com o fragmento de um dos entrevistados: “muitas das vezes não valorizamos essa parte da nossa Cultura”. “Esse discurso demonstra a preocupação em manter a sua cultura, porém na prática gosta de ouvir “Gatinha assanhada” e “Agora fiquei doce””. Grande parte dos entrevistados demonstrou gostar desse tipo de música. Essas músicas fazem parte de repertórios do momento, o que está sendo exposto pela indústria cultural. Van Dijk (2010, p.121) afirma que “controlar as mentes das pessoas é uma forma fundamental de reproduzir a dominação e a hegemonia”.

Por outro, exemplificamos um jovem que julga importante a catira, mas reproduzem ideologias dominantes.

Alguns entrevistados relatam gostar da música sertaneja de raiz, e ao citarem estas músicas, fazem confusão, deixando evidente que não reconhecem e nem têm noção de gênero musical. A música sertaneja de raiz sofreu grande mutação a ponto de descaracterizar o sentido cultural que por várias décadas identificou a classe trabalhadora camponesa. O motivo que levou o gênero da música sertaneja passar por esta transformação foi à indústria cultural, porque este é o propósito da hegemonia, fazer uso de todos os recursos presente na sociedade como arma de dominação, e negação dos valores construídos há séculos.

“A indústria cultural usa da técnica e dos melhores recursos para envolver o consumidor, levando até eles uma arte mais acessível de conteúdo vazio, repetido e muitas vezes abandonado” (COSTA et alii, 2003 p. 8):

A música sertaneja de raiz é conhecida por este título por identificação própria com o povo do sertão brasileiro, o seu discurso apresenta Letras simples compostas de histórias, relacionada a estilos de vida e práticas culturais dos povos sertanejos, e também registrando sua variedade linguística, isto é, sua identidade vernacular.

Analisando as respostas dos entrevistados, que contribuíram para realização da pesquisa, podemos notar que, por traz da vida de cada um desses indivíduos pesquisados, estão explícitas as doutrinas da hegemonia, que têm agido de forma sutil e impregnante a ponto de dominar o que cada indivíduo deve consumir no modo de viver e no aspecto cultural,

fazendo com que a cultura passe por uma escariação dos valores, tornando-se mercadoria submetendo-a a classe dominada, isto é, ao regime imposto pela indústria cultural.

Adorno reforça o que foi falado anteriormente quando menciona que, “o caráter fetichista da mercadoria se apodera, através do bronzeado da pele que, de rosto, pode ficar muito bem das pessoas em si; elas se transformam em fetiches para si mesmos” (ADORNO, 1969, p.5). De acordo com o que Adorno disse, podemos dizer que os jovens do Assentamento Virgilândia vivem este mundo fictício de tal forma, a ponto de não reconhecer suas identidades camponesas, e a cultura dos ancestrais que se originou ao longo da história.

Quando a comunidade se insere dentro dos princípios cultural hegemônico, gradativamente aparecem mudanças na vida das pessoas, que contribuirão para a perda de toda riqueza cultural construída por vários séculos. Conforme Van Dijk (2010), a manipulação dos conhecimentos da sociedade pode atingir as próprias leis e valores que se utiliza para avaliar eventos e pessoas e para punir ou tornar-se real a ação.

Retomando a análise das respostas dos educandos da comunidade de Virgilândia, verificamos que todos responderam quais tipos de músicas eles ouvem, sertanejo universitário, *funk*, rock, rep, hip hop, gospel, reggae, romântico e sertanejo de raiz citado apenas por alguns. Isso demonstra que apesar de viverem no campo não são diferentes da juventude da cidade. Todas as respostas demonstraram a predominância da cultura industrializada das massas. Conforme Adorno (1969), algo descaracterizador das identidades das pessoas. Na atualidade as pessoas estão sofrendo um novo tipo de violência transmitida de forma sutilmente pelos meios de comunicação com a predominância da indústria cultural. Segundo Kehl, (2000, p.133).

Um dos mais graves, a meu ver, é o surgimento de uma nova forma de violência que afeta todas as modalidades do laço social: a violência do imaginário. Não me refiro à violência representada através das imagens televisivas, que é próprio do funcionamento do imaginário, e que incide de forma quase hegemônica sobre as culturas em que a televisão tem um lugar muito predominante.

4.4. Música Sertaneja Universitária

Este gênero musical surge a partir da década de 1990, por artistas oriundos do Mato Grosso do Sul, onde os mesmos passaram a dar uma nova roupagem para a música sertaneja.

Com característica contrária a música sertaneja de raiz, este novo gênero da música brasileira, apresenta, na maioria das vezes, discurso ideológico romântico de como os jovens veem assuntos relacionado à poligamia e a traição.⁵

Por traz dos discursos apresentados nas canções, podemos analisar o quanto a sociedade vem sendo manipulada pelas ideologias da cultura dominante impregnada pelo sistema capitalista que age sutilmente de forma passiva e alienante tornando-se cada vez mais persuasiva. Diante dessa análise, sobre as músicas sertanejas universitárias, a maioria dos estudantes pesquisados conseguiu distinguir o gênero musical. As músicas predominantemente citadas por eles foram: “Menti pra mim” e “Agora fiquei doce” e ainda relata “nos divertimos muito quando ouvimos essas músicas, faz nos sentir bem” esse e o lema da Indústria cultural em que exerce grande poder perante a classe dominada (estudantes). O poder de manipulação está explícito no relato anterior. A hegemonia cria estratégias para neutralizar o real sentido da música “Menti pra mim”, a qual expõe outros valores, desvinculando os valores morais, manipulando a sociedade a naturalizar a mentira como coisa normal. Nessa música, a letra diz que “mente tão bem que até parece verdade”.

Nesse sentido, constitui-se uma preocupação, que tipo de música esta sendo imposto para os jovens? Que valores permeiam estas músicas? Tendo em vista que esses jovens serão a geração futura, isto é, que tipo de sociedade será constituída onde a mentira se torna algo natural, valorizando um mundo fictício, de conteúdo vazio. Assim a indústria cultural cria técnicas para envolver o consumidor por meios da mídia, destacando a televisão, dando ênfase nas novelas e músicas. Considera-se, conforme Adorno 1947, que o mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural. Entretanto, nesse processo de filtração os valores éticos, culturais e morais vão se perdendo, sendo invadidos por mentiras, desvalorização da imagem feminina e cultura como mercadoria dentro da perspectiva capitalista onde tudo gira conforme os interesses dos grupos dominantes. Van Dijk, (2010, p. 121) ressalta que: “Se controlar o discurso é uma das principais formas de poder, controlar as mentes das pessoas é a outra forma fundamental de dominação de reproduzir, a dominação e a hegemonia”.

⁵ Música sertaneja ou sertanejo é um gênero musical do Brasil produzido a partir da década de 1910, por compositores rurais e urbanos, outrora chamada genericamente de modas, toadas, cateretês, chulas, emboladas e batuques, cujo som da viola é predominante. Foi em 1929 que surgiu a música sertaneja como se conhece hoje. Ela nasceu a partir de gravações feitas pelo jornalista e escritor Cornélio Pires de "causos" e fragmentos de cantos tradicionais rurais do interior paulista, sul e triângulo mineiros, sudeste goiano e mato-grossense. FONTE: https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%Basica_sertaneja acessado em 27/02/2013.

A música em si exerce influência sobre a vida das pessoas. Essas músicas nos trazem letras de duplo sentido, termo pejorativo no aspecto feminino como também masculino. Notamos que nos dias atuais, a indústria cultural se apoderou de todos os recursos midiáticos a fim de dominar a sociedade. Sendo assim, a sociedade cada vez mais perde sua identidade cultural, moral, étnica entre outras. A sociedade passa a viver uma cultura caricata ofuscada através de discursos da hegemonia onde tudo se torna uma mera mercadoria a ser explorada.

4.5. Músicas Estudadas na Escola

A música é importante como qualquer outro conteúdo ensinado na escola. Porque através deste trabalho pode-se transmitir outra visão política perante a sociedade em que vivemos, a respeito da atual conjuntura da predominância influenciada da indústria cultural na vida das pessoas.

A música é uma ferramenta de grande potencial que necessita ser inserida nos espaços escolares, mas com alguns cuidados. Os educadores ou até mesmos as instituições de ensino ao usar a música nos processos formativos, quando se propõem a introduzir a música em seus planejamentos, precisam além de conhecer, ter domínio perante o que trabalhar, não sendo influenciados pelos discursos ideológicos dominantes, de estilos musicais que não oferecem conhecimento político e nem valores morais étnicos e culturais para os sujeitos.

Na sociedade atual, encontramos uma situação em que os artistas “cantores” produzem para o comércio e esta produção é realizada dentro da metodologia do capital. Com isso, as pessoas são influenciadas a viver uma vida alienada e subordinada aos princípios da indústria cultural. No fragmento um estudante relata que a escola não valoriza a música como cultura, ao mesmo tempo em que este a caracteriza como geração de emprego e renda, ele a define como objeto de lazer, vemos que não está claro para ele o conceito de cultura, todavia o intuito ideológico é fazer com que as identidades e culturas dos sujeitos tornem-os alienados e reprodutores, pela indústria cultural. Coelho (*apud*, MARX, 1980, p. 23) “previa que graças ao desenvolvimento das tecnologias as culturas nacionais acabariam por apresentar um número cada vez maior de traços em comum, a caminho de uma eventual cultura universal”.

A seguir analisaremos dois fragmentos relatados pelos estudantes durante a entrevista em que os mesmos dizem: “*É uma forma de geração de emprego e renda, e nos divertimos*

muito quando ouvimos essas músicas, faz bem nos sentir bem”, “*Eu acho que nenhuma escola não é lugar para isso*”. Em que mostra o paradoxo de opiniões entre eles, ambos reconhecem a importância da cultura, porém o primeiro distorce o sentido de cultura. Em detrimento analisando outros fragmentos sobre que tipos de músicas deveriam ser ensinados na escola, estes apontam a catira como uma cultura interessante e envolvente e que a escola deveria continuar com o projeto. Mesmo não sendo oferecida a disciplina de música, minimamente alguns professores tentam trazer manifestações culturais do contexto dos educandos para dentro da escola. Arroyo (2005, p.6) diz que:

As escolas têm de legitimar todos os saberes e todas as formas de pensar. Têm de legitimar, também, sua cultura e o pensar popular. Além do conhecimento construído os povos do campo têm direito a sua cultura e a herança cultural acumulada. A cultura é uma das heranças mais dignas, mais nobres e tão determinantes da história quanto o conhecimento e a ciência.

Para levantamento de dados da pesquisa, foi diagnosticado através da leitura do projeto político pedagógico (PPP) da instituição Colégio Estadual Assentamento Virgilândia, em que foi possível observar que a escola não tem nenhuma proposta concreta para o trabalho com a música. Atualmente, existe uma lei federal⁶ que prevê que todas as escolas tenham de desenvolver a disciplina de música com os seus educandos. Vale ressaltar que a culpa de não ter a disciplina de música, não é exclusivamente da escola, porque a cada ano o PPP é revisado acrescentado e avaliado pela subsecretaria de ensino do município, ou seja, mesmo tendo esta lei em vigor, essa instituição não adota tal disciplina.

As escolas é um órgão do estado que se encontra submisso às ideologias do capitalismo, não tendo posição para escolher o conteúdo a ser ensinado. Quando a escola do assentamento desenvolve algum tipo de trabalho, voltado para a música, esse é voluntário e a pessoa que realiza o trabalho não tem formação na área. Apesar das boas intenções, essas pessoas acabam negligenciadas por reproduzirem estilos de músicas que predominam o momento de sucesso reproduzido de forma prolixa pela indústria cultural, que não apresenta nem um valor cultural e moral para os estudantes. Agindo desta forma, a escola e os estudantes são manipulados, Van Dijk (2010, p. 251) diz que: “A manipulação, como aqui

⁶ O presidente Lula sancionou no dia 18 de agosto de 2008, a **Lei Nº 11.769**, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica. A aprovação da Lei foi sem dúvida uma grande conquista para a área de educação musical no País. Todavia, há também grandes desafios que precisam ser enfrentados para que possamos, de fato, ter propostas consistentes de ensino de música nas escolas de educação básica. FONTE; <http://www.abemeducacaomusical.org.br/noticias2.html> acessado em 26/02/2013.

definida, realiza-se por meio do discurso em um sentido amplo, isto é, incluindo características não verbais como gestos, expressões faciais, *layout* de textos, imagens, sons, músicas, e assim por diante”.

Conforme essa citação de Van Dijk, a manipulação está presente em diversas linguagens. Percebemos quando a escola desenvolve trabalho com músicas e vídeos da indústria cultural, a escola está sendo uma ferramenta de manipulação para reproduzir suas ideologias contribuindo para acabar com os valores morais e culturais dos estudantes. Porque músicas como o funk e sertanejo universitário, que apresentam discurso referente à poligamia, racismo, violência contra mulher, pornografia, termo pejorativo e palavrões, como podem ser utilizadas nas escolas?

A escola precisa trabalhar com conteúdos que têm a ver com a realidade dos educandos. Muitas das vezes, acontece o contrário, outras realidades estão sendo implantadas dentro das escolas que acabam influenciando os estudantes a desvalorizar sua própria identidade e a cultura dos ancestrais. Exemplo disso é quando as escolas comemoram a festa do *halloween*, “festa das bruxas”, o que tem a ver isso com o povo brasileiro? Ou melhor, com a nossa cultura? O que se sabe é que essa prática é uma cultura americana que os brasileiros aderiram mesmo sem saber o porquê. Para Costa et alii, 2003, p. 8): “A indústria cultural usa da técnica e dos melhores recursos para envolver o consumidor, levando até eles uma arte mais acessível de conteúdo vazio, repetido e muitas vezes abandonado”.

Na análise dos fragmentos das falas dos entrevistados, percebemos que na escola onde foi realizada a pesquisa, existe um trabalho muito importante que vem sendo realizado que vale ser destacado que é o projeto do catira, ou cateretê, que de acordo com Bagno (2007), fazem parte do mesmo campo lexical, porém varia de região para região ou origens geográficas. Este projeto foi criado por uma educadora do colégio estadual Assentamento Virgilândia, preocupada em manter a prática cultural, e o uso da música sertaneja de raiz, através desse trabalho com os estudantes.

Mesmo sem saber como trabalhar o catira, a educadora se esforça para convidar pessoas, que conhecem o gênero, para contribuírem nos ensaios. Algumas pessoas da comunidade têm participado, contribuindo com o projeto. O projeto é realizado na escola com os educandos de várias idades e séries diferentes.

Foto do projeto Catira



Fonte: acervo do pesquisador adquirido no processo da pesquisa sobre licença das pessoas.

Uma coisa legal vale destacar, é que o grupo não faz separação de gênero, homens e mulheres participam sem nenhum problema. Geralmente os grupos de catira são formados por homens. Os estudantes gostam de participar deste projeto, isso é evidenciada neste fragmento, proferido por um estudante ao ser interrogado qual música deve ser ensinada na escola.

“Deveriam ensinar o catira porque é uma cultura muito interessante e evolvente”.

Este estudante apresenta uma visão diferente de vários outros estudantes entrevistados. Ele cita o catira como uma boa música para ser ensinada na escola, porque além de ser uma música sertaneja de raiz, também faz parte da cultura em alguns estados, predominando mais em Minas Gerais e no Goiás.

Hoje em dia, manifestação cultural como o catira e outras já se encontram quase extintas. Por isso, é de suma importância trabalhar na comunidade o catira porque desse modo estará dando continuidade a uma prática cultural do povo sertanejo brasileiro. Santos (2006, p. 9) irá dizer que:

A riqueza de formas das culturas e suas relações falam bem de perto a cada um de nós, já que convidam a que nos vejamos como seres sociais, nos fazem pensar na natureza dos todos sociais de que fazemos parte, nos fazem indagar sobre as razões da realidade social de que partilhamos e das forças que as mantêm e as transformam.

Santos (2006) segue dizendo que cada manifestação cultural é êxodo de uma história reservada, mas que inclui também suas relações com as demais culturas, as quais podem apresentar características bem diferentes. Já a indústria cultural age de forma que possa

apagar a memória cultural presentes nas sociedades, substituindo-as por suas culturas que não oferece nada de valores para as pessoas. Adorno e Max Horkheimer (1947) mencionam que o objetivo da indústria cultural é forçar o mundo inteiro a passar por um processo de filtragem, seguindo este raciocínio, querendo ou não isso vem acontecendo em todo canto do mundo.

As sociedades em geral têm apresentado na prática resultados deste processo que a indústria cultural submete aos indivíduos, onde os mesmos passam por uma reformulação em todo o sentido de viver.

4.6. Sentido Cultural das músicas para os Estudantes

Na pesquisa realizada com os estudantes, apontamos que estes não têm definido o conceito de cultura e de gêneros musical, um problema que é vivido pelos estudantes. Isso sugere a influencia da hegemonia cultural vigente adereçada ao sistema capitalista, em que este tome posse de todos os recursos para transformá-los, exercendo de forma ilusória o poder sobre as pessoas, os valores culturais, tornando-os mercadoria a serem exploradas.

Embora todos os pesquisados morem no campo e também estudem em uma escola do campo, várias desses estudantes negam sua identidade camponesa. Apesar de estarem vivendo no campo, os jovens não reconhecem suas culturas e valores étnicos dos povos do campo.

Através da entrevista realizada com esses estudantes, notamos que a juventude do Assentamento Virgilândia tem sido manipulada pelas músicas da indústria cultural. Isso é revelado nas falas dos jovens ao serem interrogados na entrevista: quais músicas sertanejas eles conheciam. As respostas foram impressionantes, teve um que respondeu: “*sertanejo, funk, rap, MPB, reage e esse cara sou eu*”. Por esta resposta e outras, percebemos que os mesmos não têm discernimento do que é gênero musical. Por exemplo, que eles acompanham tendências musicais, ao mencionarem funk, MPB, reage. Além do mais, citam uma música que está fazendo sucesso nas rádios e canais de televisão, do artista Roberto Carlos, intitulada por “*esse cara sou eu*”. Aí está explícita a dominação da indústria cultural e a falta de clareza quanto ao gênero desta música.

Seguido esse raciocínio, os mesmos se encontram envolvidos alienados de tal modo, a ponto de não saber distinguir o que é gênero sertanejo, para o gênero romântico utilizado por Roberto Carlos.

Ao perguntar-se qual o sentido cultural essas músicas passam para os pesquisados durante a entrevista, verificamos que cada um tinha uma forma de pensar a esse respeito, a maioria disse que as músicas transmitem um sentimento de romance, curtição, alegria, realidade e lembranças. Têm duas respostas dos entrevistados que nos chamam a atenção: a primeira nos remetem às ideias dos discursos ideológicos impostos pela indústria cultural, a segunda resposta aponta para a consciência dos pesquisados contra a proposta de trabalhar na escola esses tipos de músicas que estão nas paradas de sucesso, porque para os mesmos, a escola não é lugar para isso.

Na fala abaixo, podemos observar que o discurso capitalista passa para a sociedade, através de suas ideologias, neste caso, a forma de dominação representada através da música.

“É uma forma de geração de emprego e renda, e nos divertimos muito quando ouvimos essas músicas, faz bem nos sentir bem”.

O problema mostrado nesta fala nos remete à percepção onde o capitalismo alienador desenvolve seu poder hegemônico, algo preocupante, porque com isso a sociedade é conduzida a não refletir sobre si e sobre todo meio social próximo, transformando-se com isso em mero objeto de tapeação e, afinal, em simples mercadoria alimentada pelo sistema que o envolve (COELHO, 1980).

Na fala a seguir, o estudante não apresenta clareza no que se refere ao sentido de ouvir e para que ouvir, colocando que na escola não é lugar de trabalhar música.

“Eu acho que nenhuma escola não é lugar para isso”.

Neste sentido, a escola precisa criar metodologia de ensino voltada para o campo da música, porque segundo Lourenço (2003, p.181): “A escola, por meio da educação musical, pode ajudar o aluno a enxergar a realidade além da qual ele vive ajudá-lo a desconfiar da mídia, criticando-a”.

Para isso que a Lei Nº 11. 769, sancionada em agosto do ano de 2008, precisa entrar em vigor na maioria das escolas. Esta lei rege que cada instituição escolar de nível fundamental precisa trabalhar a disciplina de música com seus estudantes. A aprovação da Lei foi sem dúvida uma grande conquista para a área de educação musical no País. Todavia, há também grandes desafios que precisam ser enfrentados para que possamos, de fato, ter propostas consistentes de ensino de música nas escolas de educação básica. Porque corre o

risco das instituições escolares não usar como deveria ser usado, fazendo desta disciplina um faz de conta.

CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa tem como objetivo pesquisar que tipo de músicas circula entre os jovens da comunidade Virgilândia, pesquisar se os jovens de Virgilândia conhecem a música sertaneja de raízes, analisar o discurso que as letras das músicas da cultura de massa exercem sobre o aspecto cultural e verificar se a música é trabalhada na escola.

Percebemos que a indústria cultural com suas ideologias vem transformando o caráter das pessoas tirando o censo crítico, pelo quais os mesmos não sentem o quanto encontram-se alienados, sem refletirem o valor e a importância das práticas culturais, e a deturpação dos princípios construídos ao longo da história.

Nos dias atuais, as pessoas são induzidas por diversos recursos que a indústria cultural desenvolve com a intencionalidade de dominar a vida dos sujeitos a ponto de os mesmos passarem a viver um mundo ilusório fictício sem perceber a essência da vida e da cultura, e os valores morais dos indivíduos da comunidade. Pois, as pessoas adquirem um modo de vida alienativo ao sistema capitalista que age, transformando os sujeitos e a cultura em mera mercadoria a serem exploradas pelo capitalismo predominante no mundo. As ideologias da indústria cultural exercem dominação na vida das pessoas fazendo com que a sociedade, segundo Adorno (1947), passe pelo filtro da indústria cultural, e ao passarem, naturalmente acontece uma escariação na cultura e na vida dos homens/mulheres, descaracterizando-as impondo suas culturas mercantilizadas.

Mediante a análise no decorrer da pesquisa, fica evidenciado que os jovens do Assentamento Virgilândia têm sido manipulados pelos discursos apresentados nas músicas produzidas pela indústria cultural, tais como, a sertaneja universitária, funk, rap, hip hop etc. Essa manipulação está impregnada na vida dos sujeitos a ponto de os mesmos negarem suas identidades camponesas e acharem que o lugar em que moram não é bom para se viver. Os jovens da comunidade não sabem distinguir o que é gênero sertanejo de raiz, pois vivem com a mente ofuscada pelos discursos da cultura dominante que age interferindo sobre a vida dos sujeitos do campo.

Percebemos que a manipulação está presente em diversas linguagens, quando a escola desenvolve um trabalho com músicas e vídeos da indústria cultural, a mesma está sendo uma

ferramenta da cultura de massa para reproduzir suas ideologias, contribuindo para acabar com os valores morais e culturais dos estudantes.

Todavia, boa parte dos pais destes estudantes entrevistados são analfabetos funcionais, ou seja, o que também pode contribuir por não ter uma leitura dos problemas que as pessoas vêm enfrentando, provocados pela indústria cultural, que está agindo para dominar a vida das pessoas. Esses estudantes ouvem todos os tipos de músicas que estão nas paradas de sucesso do momento, passando a ter uma vida de modismo ideológico imposto pela cultura de massa na vida dos sujeitos do campo, persuadido ao consumismo desnecessário que o capitalismo lança naturalmente na vida do indivíduo.

Os jovens do assentamento Virgilândia não têm opção de lazer, algo que também tornam-se um problema porque os estudantes fazem da escola o ponto de encontro entre amigos. As meninas querem apresentar o vestido e os sapatos novos que estão na moda, já os meninos o corte de cabelo que também está na moda, o celular do último lançamento para sair reproduzindo as músicas que estão nas paradas de sucesso da indústria cultural. Esses fatores muitas das vezes causam transtorno, influenciando até nas aulas dos professores, pois tem dia que é quase insuportável dar aula aos estudantes.

As escolas são instituições do estado que se encontram submissas às ideologias do capitalismo, não tendo posição para escolher o conteúdo a ser ensinado. Quando a escola do assentamento desenvolve algum tipo de trabalho voltado para a música, este é voluntário. Apesar das boas intenções das pessoas que realizam o trabalho, percebemos que, nessa atividade, há reprodução de estilos de músicas que predominam no momento. Dessa forma, a escola e os estudantes são manipulados.

Portanto, a escola precisa trabalhar com conteúdos que tenham a ver com a realidade dos educandos e, muitas vezes, acontecem o contrário, outras realidades estão sendo implantadas dentro das escolas que acabam influenciando os estudantes a desvalorizar sua própria identidade e a cultura dos ancestrais.

Com este trabalho, espera-se contribuir por meio dos conceitos analisados a formar ou despertar nos sujeitos uma visão crítica perante a realidade vivida pela sociedade atual, a não ser manipulada pelos discursos ideológico predominantes na indústria cultural. Pois, através dos estudos realizados, as pessoas adquirem uma visão política que contribuirá para analisarmos, entre vários leques, os meios de não se deixarem ser manipulados por aqueles

que detêm poder e privilégio nessa sociedade capitalista, em que a hegemonia delimita os modos que os sujeitos devem viver.

Vale ressaltar que nessa comunidade a pouco mais de dois anos, deu-se início a um trabalho realizado pelos estudantes da LEdoC dentro da escola, da comunidade, com um grupo de jovens, que trabalhou com o teatro do oprimido através de construção de peças a partir de problemática vivida pela comunidade em que os estudantes mora. Hoje a comunidade tem um grupo de teatro formado por jovens do assentamento chamado “arte e cultura em movimento” que por meio das discussões e os conceitos trabalhados, os mesmos adquiriram uma formação política de como ver os problemas enfrentados pela comunidade.

Esse trabalho tem alcançado grande êxito, devido às pessoas terem formação adequada, com uma proposta contra-hegemônica, para trabalharem com problemas da realidade dos jovens. E, não reproduzir simplesmente um teatrinho besteirol da indústria cultural. Através destas práticas, torna-se evidente uma formação crítica e política da visão de mundo destes jovens, que, no entanto, estes conseguem se auto-organizar e demandarem questões relacionadas ao grupo e a comunidade.

Como docente desta instituição escolar, o pesquisador se utilizará dos conhecimentos explanado neste trabalho, para realizar uma proposta pedagógica direcionada a vertente musical a ser trabalhada com os estudantes. Percebemos, porém, que esta escola ainda não trabalha a disciplina de música e nem a mesma fazem parte da grade curricular.

Através desta proposta de trabalhar a música com os estudantes, estaremos promovendo a todos uma leitura crítica no aspecto do ouvido pensante, a valorizar músicas que trazem valores a ser agregada a vida dos sujeitos e que incentive a manter a cultura dos povos do campo.

Este trabalho será realizado por meio de oficinas com os estudantes, com o objetivo de estudarmos o conceito de músicas, o que compõe a música, e construir juntamente com os estudantes alguns instrumentos artesanais, para desenvolvermos as atividades proposta em salas de aula.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J. O Método nas Ciências Sociais. In: Alves-Mazzotti, A. J. e Gewandsnajder, F. O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.
- ADORNO, Theodor W, 1903-1969, Indústria cultural e sociedade / Theodor W. Adorno; seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida traduzido por Juba Elisabeth Levy... [et al.]. — São Paulo Paz e Terra, 2002.
- APADECIDA, Clarice dos Santos... [et alii]; *Por uma educação do campo*, 2008.
- ARROYO, Miguel González. *Pedagogias em movimento o que temos a aprender dos movimentos sociais?* Currículo sem Fronteiras, v. 3, p. 28-49, 2003.
- ARROYO, Miguel González. CALDART, Roseli Salette. MOLINA, Mônica Castagna (Orgs). *Por uma educação do campo*. 4º ed. – Petrópolis, RJ: vozes, 2009.
- BAGNO, Marcos, 1961- *Nada na língua é por acaso: Por uma pedagogia da variação linguística* / Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola editorial, 2007.
- BEJAMIN, Walter; - *Magia e técnica arte e política*, 1936.
- BEJAMIN, Walter; - *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade*, 1959.
- CRESWELL, W. John. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos e quantitativos*: 2007.
- COSTA, Alda Cristina Silva da et all. *Indústria Cultural: revisando Adorno e Horkheimer*. Disponível em: http://www.nead.unama.br/site/biddigital/artigos_revistas_211.pdf. acessado em 10 abr 2011.
- LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. *O ensino de música na escola fundamental*/Alícia Maria Almeida Loureiro, - Campinas, S.P: Papyrus, 2003. – (Coleção Papyrus Educação).
- MOLINA, Mônica Castagna. *Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão* – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*/ Eni P. Orlandi. 10ª ed, Campinas, SP- Pontes Editores, 2012.

RESENDE, Viviane de melo; RAMALHO, Viviane Seba. *Análise crítica*. São Paulo: contexto, 2006.

NEPOMUCENO, Rosa. *Música Caipira: da roça ao rodeio*. São Paulo: 2001. NEPOMUCENO, Rosa. *Música Caipira: da roça ao rodeio*. São Paulo: 1999.

SANTOS, José Luiz, 1949- 14. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Coleção primeiros passos; 110).

